

ESTUDOS
SOBRE
O PADRE
ANTÓNIO VIEIRA

I
A SEDUÇÃO DA PALAVRA: OS SERMÕES



IMPRESA NACIONAL

ESTUDOS SOBRE O PADRE ANTÓNIO VIEIRA

ORGANIZAÇÃO

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
ANA PAULA BANZA
CRISTINA PIMENTEL
ISABEL ALMEIDA
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL



PREFÁCIO

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

IMPrensa NACIONAL

LISBOA

2017

ves, Aug
José C

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Título: Estudos sobre o Padre António Vieira

I – A Sedução da Palavra: Os *Sermões*

Coordenadores: Arnaldo do Espírito Santo, Ana Paula Banza, Cristina
Pimentel, Isabel Almeida e Manuel Cândido Pimentel

Conceção gráfica: INCM

Capa: INCM

Revisão do texto: INCM

1.ª edição: março de 2017

ISBN: 978-972-27-1977-3

Depósito legal: 420 435/17

Edição n.º 1018254

ÍNDICE

Introdução — ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO	9
O Padre António Vieira, um ator de génio no palco barroco — ANA MARIA DE ALBUQUERQUE BINET	17
A visibilidade cénica do verbo de Vieira. Do lugar da Imaginação na espiritualidade do Sermão — CARLOS H. DO C. SILVA	31
Do imaginário inaclano ao imaginário de Vieira — CARLOTA MIRANDA URBANO	71
O engenho dos pretos: sobre a escravatura em três sermões de Vieira — ERNESTO RODRIGUES	85
São Francisco Xavier: a língua e os pés — FLORENCE LÉVI... Un'Emissione milanese ignota dei Sermoni di Padre Vieira — GIUSEPPE MAZZOCCHI	99
Da alegoria ao discernimento: atualidade do pensamento do Padre António Vieira — HELENA LANGROUVA	111
A figura de Santo António na parenética do Padre António Vieira — ISABEL DÁMASO SANTOS	125
Vieira: imagens do pregador entre a clausura feminina — ISABEL MORUJÃO	143
A parénese do Padre António Vieira da Semana Santa: os Sermões do Mandato — JOÃO FRANCISCO MARQUES† ...	163
Aspetos proféticos do Sermão da Primeira Oitava da Páscoa de António Vieira: metais preciosos na Amazônia do século XX — JOSÉ LUÍS JOBIM	197
Padre António Vieira — o homem que soube amar — JÚLIO PINHEIRO	223
Os sermões pregados na Capela Real: auditório e outras circunstâncias — MARALDA FERIN CUNHA†	233
Orator Fit... aspetos da formação retórica de Vieira — MARGARIDA MIRANDA	249
	283

Padrões argumentativos e pressupostos metafísicos em Antônio Vieira, Górgias e Platão — MARIA CECÍLIA DE MIRANDA NOGUEIRA COELHO.....	301
«Sermão de Santo Antônio pregado na cidade de São Luís do Maranhão, ano de 1654»: uma reflexão ética — MARIA DE LOURDES SERGADO GANHO.....	319
«O navio virado no meio do mar»: Vieira, o prodígio e o milagre — MARIA DO CÉU FRAGA.....	325
Entre a fé e a vida: os Sermões da Quaresma do Padre Antônio Vieira — MARIA TERESA NASCIMENTO.....	343
Os Sermões do Mandato: «Modo e ordem» — MÁRIO GARCIA, S. J.	355
Semeadura de palavras: Vieira e o xadrez de estrelas — MARIA LÚCIA PEREIRA MARTINS.....	375

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR DEL CAÑO, D. Francisco Terrones, *Arte o Instrucción y Breve tratado que dize las partes que ha de tener el Predicador Evangelico*, en Granada, por Bartolomé de Lorençana, 1617.
- ALMEIDA, Isabel, «Vieira: Questões de afectos», *Românica*, n.º 17, Departamento de Literaturas Românicas, Faculdade de Letras de Lisboa, 2008, pp. 103-132.
- CANTREZ, Raymond, *Les Sermons de Vieira. Etude du Style*, Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959.
- DELEUMBAU, Jean, *La Peur en Occident (xvi^e-xviii^e siècles)*, Paris, Fayard, 1978.
- GRÁCIAN, Baltasar, *Agudeza y Arte de Ingenio* Madrid, Espasa-Calpe, 1957.
- GRANADA, Frei Luís de, *Los Seis Libros de la Rhetorica Eclesiástica*, vertidos en español, Barcelona, en la Imprenta de Juan Joles y Bernardo Pla Impresor en los Algodoneros, 1770.
- MARQUES, João Francisco, *A Parnética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, A Revolta e a Mentalidade*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1989 (dois volumes).
- MARQUIZ, Frei Juan, *El Gobernador Cristiano*, en Madrid, por D. Teresa Iunt, Impresora del Rey, 1625.
- MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.
- PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYRICA, Lucie, *Traité de l'Argumentation*, 5.^a ed., Editions de l'Université de Bruxelles, 1992.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, «Pregador e ouvintes em Vieira» in *Xadrez de Palavras*, Estudos de Literatura Barroca, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, pp. 87-100.
- , «Mistério e triunfo na oratória de Vieira» in *Actas do Congresso Internacional do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*, vol. 1, Braga, Universidade Católica Portuguesa, Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, pp. 103-107.
- QUINTILIANO, M. Fábio, *Instituições Oratórias de ...*, Escolhidas [...] traduzidas em linguagem e ilustradas com notas por Jerónimo Soares Barbosa, em Coimbra, na Imprensa Real da Universidade, 1790.
- VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira, Sermões*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1993 (cinco volumes).
- , *Citas*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, vol. III, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1970.

ORATOR FIT...
ASPETOS DA FORMAÇÃO RETÓRICA DE VIEIRA

MARGARIDA MIRANDA
Universidade de Coimbra

1. PADRE ANTÓNIO VIEIRA: A PALAVRA QUE PERSUADE

Conta-se que um dia, nos tenros anos da infância do Padre António Vieira, estava o menino a brincar no adro da Sé, em Lisboa, quando um cônego se abeirou dele e lhe perguntou: «—De quem sois, meu menino?» Travesso, António respondeu: «Sou de Vossa mercê, pois me chama seu!».

Outro, quis saber de onde ele era: «—Vossa mercê não me conhece». Mas o curioso insistia. «—Conheço *ametade* do mundo!»; «—Pois eu, sou da outra *ametade*!».

Estas eram algumas travessuras, de língua e de espírito, que, no século XVIII, o biógrafo do pregador [André de Barros (1746:5)] associou à infância daquele que viria a ser o mestre prodigioso da palavra, admirado no mundo.

Na verdade, o mundo admirá-lo-ia muito mais do que o biógrafo podia imaginar. Ainda há 10 ou 11 anos (1997) Portugal, o Brasil e a Itália celebravam o III Centenário da sua morte, e eis que já estamos a celebrar outra vez a obra e o homem, no IV Centenário do seu nascimento. Em Portugal, foi o Centro Cultural de Belém, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Academia das Ciências, as Universidades (Coimbra, Aveiro,

Braga, Lisboa), os jornais locais e nacionais, os programas de rádio e de TV. E até a Universidade da *Sapienza*, em Roma — a mesma que, umas semanas antes, não quisera ouvir a voz do Papa porque a Ciência era laica — abriu, enfim, as portas ao Padre Antônio Vieira.

Ler a vasta obra literária de Vieira e considerar a admiração que ainda hoje ela suscita é reconhecer o poder e o vigor da sua palavra.

Os textos oratórios do Padre Antônio Vieira — que ele pregou nas mais diversas circunstâncias, ora na corte papal, ora na corte de monarcas, ora entre colonos e índios, ora entre a mais alta sociedade europeia — fizeram dele o mais célebre pregador português, senhor de um elevado prestígio, na Europa e no Brasil.

Errôneo seria pensar que o êxito da pregação de Vieira se devesse exclusivamente à sua formação retórica, no sentido mais restrito da palavra. Deve-se, sem dúvida, à sua elevada formação em Sagrada Escritura, associada a uma renovada exegese, aos profundos conhecimentos de filosofia e de teologia e, de modo não menos importante, à sua dedicação a grandes causas. Mas a pregação do Padre Antônio Vieira resulta também da convicção interior do poder efetivo da palavra.

Num dos sermões italianos que pregou em Roma, à Corte da Rainha Cristina da Suécia, na Quaresma de 1674, na Igreja de São Salvador *in Lauro*, assim se exprime o Padre Antônio Vieira, com o maior desassombro [Antônio Vieira (1998: 143-144)]:

La predica, come fionda di Davide, non è giuoco o per tirar all'aria; è per ferire, per uccidere, per gettar ai piedi di Dio i suoi nemici, e tanto più quanto più grandí [...]

E che fece Davide? Se ne va a un torrente, sceglie cinque pietre tonde e polite, ne mette una nella fionda, la rigira intorno al capo, fa il tiro alla testa del gigante *et infixus est lapis in fronte eius*.

O se Dio volesse che le mie parole avessero tanta efficacia e tanta fortuna che facessero un tal colpo!

Il gigante è il mondo, il capo di questo gigante è Roma e contro questo gran capo s'indirizzerano le miei pietre.

O poder persuasivo dos sermões de Vieira deveu-se também ao seu próprio modo de ser, pois Vieira tinha para si que era necessário pregar palavras e obras. O *topos* «prática o que pregas», lugar-comum da tradição apostólica mas também da tradição retórica pagã, é abundantemente ilustrado pela pregação de Vieira, nomeadamente pelo Sermão da Sexagésima (1993: 82):

Antigamente convertia-se o mundo; hoje por que não se converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam mas não ferem. A funda de David derrubou ao gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra [...]

Eis mais um novo sentido, tirado da inspiradora metáfora bíblica da funda de David: a palavra certa da pregação é como a pedra na funda de David, que, mais certa ainda, derruba Golias, o gigante.

Porém, o Padre Antônio Vieira sabe que o êxito da pregação não depende apenas do pregador, nem do ouvinte: «Para uma alma se converter por meio de um sermão,» diz ainda Vieira, no Sermão da Sexagésima, «há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando.»

Neste estudo, não é meu propósito refletir acerca do entendimento do ouvinte, nem da Graça de Deus que o alumia, mas apenas acerca dessa doutrina do pregador, de que fala Padre Antônio Vieira, a qual, como veremos, era mais do que a catequese ou o comentário da Sagrada Escritura.

2. A FORMAÇÃO RETÓRICA SEGUNDO A *RATIO STUDIORUM: HOMO SAPIENS, HOMO LOQUENS*

2.1. «LITTERAE ET VIRTUS»

Por detrás da força da palavra do pregador está uma formação literária, filosófica e teológica que nos é descrita pela *Ratio Studiorum* (1599) — o regime escolar e *curriculum* de estudos a que estiveram vinculados todos os colégios dos jesuítas, durante cerca de dois séculos.

Com a renovação da pregação cristã, a célebre definição do orador como *uir bonus dicendi peritus* (Quintiliano) transformava-se na questão da santidade e exemplaridade do pregador. Não só as palavras persuadem, mas também as ações e a pessoa do orador. Esta não era pois uma questão nova no tempo do Padre António Vieira, nem sequer de quando nasceu a *Ratio* — já comparecia nas *artes predicandi* medievais. Mas o século XVI reacendeu vivamente essa questão, ao assimilar a tradição da retórica pagã à tradição apostólica, e o século XVII não podia deixar de reproduzir aquela síntese¹. No Padre António Vieira, porém, com uma particularidade. Se, na tradição ibérica, as instruções de pregadores da segunda metade do século XVI colocavam a tónica na formação espiritual do pregador e na questão da graça ou da iluminação mística do amor divino, para Vieira a pregação persuasiva era de outra ordem: profundamente racional, confiada não só na iluminação da graça mas também numa enorme confiança no poder do *logos* e da codificação retórica [Margarida Vieira Mendes (1989: 151 ss.)]. No modelo jesuítico de educação, *litterae et virtus* são noções inseparáveis. A graça divina não prescinde da sabedoria humana. O pregador imita Cristo e os apóstolos, mas sem qualquer tipo

¹ Aníbal Pinto de Castro (2008: 96) observa que o cap. 4 da *Sexagésima* se aproxima bastante do livro 1 da *Retórica Eclesiástica* de frei Luís de Granada, que versa a formação e dignidade do ofício de pregador, a força persuasiva do seu fervor apostólico e da sua vida exemplar.

de misologia, isto é, de horror ao raciocínio, às ciências ou às palavras — antes por meio delas.

Por isso, segundo o *curriculum* escolar jesuítico, o teólogo tinha uma formação profunda na área das humanidades e retórica, antes de avançar para os estudos de filosofia e de teologia. Na classe de retórica conviviam com a erudição dos autores pagãos e lia não só os poetas e oradores como os filósofos e historiadores.

2.2. NA CLASSE DE RETÓRICA COM O PADRE ANTÓNIO VIEIRA

A classe de retórica era aquela para a qual convergiam todos os estudos humanísticos; a classe que, mais do que todas, era destinada a realizar a integração dos saberes, combinando o *homo sapiens* com o *homo loquens*.

Não se trata pois da formação *retórica* no sentido técnico ou estilístico mais restrito mas da formação retórica tal como a *Ratio Studiorum* determinava que fosse praticada em todos os colégios — quer no colégio das Artes em Coimbra, quer nos colégios de Roma, Messina, ou Brasil; no colégio da Baía, onde o Padre António Vieira estudou, como no colégio de Olinda, em Pernambuco, onde o Padre António Vieira chegou a ensinar de acordo com o regime da *Ratio*, durante os anos do seu magistério (1627-1630).

A *Ratio Studiorum* nasceu no seio de uma sociedade para quem a Eloquência gozava de um valor universal e de um estatuto de supremacia sobre as ciências particulares. Para a Igreja, concretamente, a eloquência representava, além do mais, um poderoso instrumento da sua própria Reforma, essencial para homilias, sermões, sínodos, concílios, debates doutrinários, controvérsias contra os hereges e obras de edificação. O ideal de Eloquência partilhado pelo ensino dos jesuítas não podia pois ser outro senão o da *eloquentia cum sapientia*, como era próprio da cultura humanística.

A *Ratio Studiorum* de 1599 tem clara consciência desta utilidade política, social, religiosa e científica do discurso, como

se pode verificar nas *Regras para o professor de Retórica*. A regra n.º 1 estabelece o seguinte:

O programa desta classe [Retórica] não pode ser determinado facilmente entre limites precisos. Ela forma o estudante para a eloquência perfeita, que compreende duas matérias fundamentais, a oratória e a poética (devendo-se dar sempre a primazia à oratória). A eloquência tem em vista não apenas a utilidade do discurso mas também a sua elegância.

De modo geral, porém, pode-se dizer que ela [a Retórica] abrange três componentes principais: os preceitos de oratória, o estilo e a erudição [...].²

O texto da *Ratio* permite tirar três conclusões. Primeiro, que a utilidade do discurso não pode perder de vista a sua elegância; segundo, a primazia da oratória sobre a poética; em terceiro, a noção de que, para a *eloquentia perfecta*, concorrem não apenas os preceitos da oratória mas também o estilo e a erudição.

Tendo em vista a gravidade do discurso profissional de sábios, governantes, magistrados, teólogos e pregadores, a *Ratio Studiorum* remete efetivamente a poesia para um lugar secundário, propedêutico. O ideal de *eloquentia perfecta* pressupunha uma vasta cultura, poética mas também filosófica, oratória e histórica. Exigia o estudo dos preceitos da arte, do estilo e da erudição, mas sobretudo a leitura dos modelos, e, ainda mais, a prática na imitação dos melhores autores, de modo especial Cícero.

Os preceitos da oratória só faziam sentido quando aplicados ao exercício prático de composição, de escrita e de declamação.

² *Ratio Studiorum* (2008: xvi, 1). Sobre o lugar da erudição no ensino da retórica e das humanidades, v. XVI, 1, 2, 6, 7, 8, 12, 13, 15, XVII, 1, 5, 9, e XVIII, 5. A erudição faz parte dos objetivos das classes de humanidades, como meio de estimular o estudo e de o tornar mais agradável, mas a classe de retórica concede-lhe espaço mais amplo, ao lado dos preceitos da oratória e do estilo.

Era necessário escrever todos os dias, evitando o formalismo vazio, mas progredindo simultaneamente no saber e na capacidade de expressão. No centro do cânone de estudos jesuítico estavam, por isso, as *litterae humaniores*. Desde cedo, a Companhia de Jesus se apercebeu de que uma das suas principais missões apostólicas era a formação, não só dos seus religiosos mas de outros clérigos (que se tornassem bons pregadores) e também de leigos (oradores cristãos). Era preciso educar para a eloquência, particularmente para a eloquência sagrada, e formar bons oradores e pregadores, que combatessem a heresia protestante e servissem as causas da própria reforma católica, instruindo os fiéis.

Por isso, a *inventio* retórica não podia ser concebida desligada da *elocutio*. Não bastava conhecer todas as matérias e encontrar todos os argumentos de persuasão; era necessário saber exprimi-los de maneira agradável e elegante e dispô-los de forma conveniente e eficaz (*dispositio*).

Se o maior dever dos religiosos era pregar e transmitir aos outros a verdade da palavra de Deus, essa missão deveria ser realizada com perfeito conhecimento do sentido da Escritura, e com conhecimento das técnicas mais eficazes de persuasão.

Foi o que fez o Padre António Vieira. Graças a uma sólida preparação retórica — que aprendeu e que ensinou, como professor no colégio de Olinda —, a palavra foi para ele um meio eficaz de intervenção e atuação na vida política, moral e social, arma que manuseava com a mais aguda destreza.³

Sabiam os mestres que nem tudo é acessível à capacidade espontânea de verbalizar. Por isso, colocavam nas mãos dos seus discípulos alguns modelos e convidavam-nos a imitá-los. Tal como numa escola de pintura ou de música, na aprendizagem da pregação eram mais frutuosa os modelos do que as regras.

³ André de Barros (1746-13-14) informa-nos de que, quando Vieira era professor de Retórica, «desejando ver ilustradas as *Tragédias* de Séneca (de que ainda então não havia no Brasil *Commentos*) dictou-lhe [naquele] anno hum *Commentario* sobre ellas, obra, que se lhe perdeu na Província, levando a mesma fortuna outro *Commentário* aos *Metamorphoses* de Ovídio, de que elle fazia particular apreço».

Porém, ao contrário de Santo Agostinho em quem se inspiravam, os mestres jesuítas não viam razão para recusar a imitação dos modelos pagãos⁴. Pelo contrário, o principal modelo, teórico e prático, era Cícero, cujo pensamento era imprescindível aos novos humanistas, desde que estabeleceria a aliança definitiva entre a retórica e a filosofia e sintetizara (no *De Oratore*) o que parecia ser o essencial das regras da oratória para a pregação cristã: *docere, movere, delectare*. O orador cristão não podia subestimar o pensamento. Se a retórica ensinava a falar, a filosofia ensinava a pensar. Por isso o orador/pregador não podia limitar-se a possuir as técnicas da retórica, mas devia formar-se na filosofia e desenvolver uma ampla capacidade de raciocinar e de argumentar.

A aquisição da eloquência passava por um ritmo incansável de lições, exercícios, leituras e repetições, debates, competições e concursos literários. Ordem e exercício são duas palavras-chave que caracterizam o regime de estudos descrito na *Ratio*. Ordenação das matérias por graus de dificuldade e dos alunos, por classes de aprendizagem; exercícios de simples repetição diária, ou debates entre classes diferentes; exercícios de composição (em prosa e em verso) e exercícios de declamação.

Todo o estudante, especialmente aquele que quisesse ser jesuíta, percorria um programa sistemático de exercitação da Palavra em público: em atos solenes, diante dos mais ilustres convidados, com a exibição das melhores composições, em concursos e prêmios literários, em declamações ora simples, em classe, ora na igreja, ora na aula magna, e em representações teatrais. O ritmo de atividade de mestres e de alunos era incansável, como prova o calendário de cada classe e os respectivos horários.

Para formar brilhantes oradores, os autores da *Ratio* sabiam que «nada desenvolve tanto a inteligência como exercitar-se

⁴ Para o desenvolvimento desta estética da oratória cristã, os humanistas continuavam a inspirar-se em Santo Agostinho, cuja nova retórica (definitivamente reconciliada com a cultura pagã, embora dentro de certos limites) nascera da necessidade de aliar a correta exegese bíblica à eficaz transmissão dos ensinamentos da Sagrada Escritura, mediante a homilética (*De Doctrina christiana*, livro IV).

individualmente a usar da palavra em público — na aula magna, na igreja, na sala de aula [...] mas também no refeitório» (*Ratio*, XVI, 20).

3. DECLAMAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NA PREPARAÇÃO DO ORADOR/PREGADOR

Há, no entanto, no programa de formação retórica um aspeto que, aos olhos do Padre António Vieira, merece especial atenção: a especificidade da declamação e da representação na preparação retórica do orador/pregador.

Uma vez por mês, na aula magna ou na igreja, haverá um discurso mais solene [...] ou então far-se-á uma representação declamada (*declamatoria actio*) [de um caso], em que duas partes expõem os seus argumentos e por fim se exprime uma sentença [...]

[XVI, 17⁵.]

As declamações eram, com efeito, o exercício habitual das classes de humanidades e de retórica (*Ratio*, XV, 33, XVI, 2, 3 e 16, XVII, 2) e, graças à sua importância, foram adquirindo uma dimensão de verdadeiro espetáculo, de tal modo que passaram a ser representadas.

Foi, aliás, o mesmo princípio que assistiu ao desenvolvimento do teatro como exercício por excelência da classe de retórica. De facto, a representação dramática era uma prática recomendada ao próprio professor de retórica, na regra n.º 19:

Algumas vezes, o professor poderá propor aos alunos, como argumento da composição, uma breve acção dramática (*breuem aliquam actionem*), como uma

⁵ A diferença entre estas declamações chamadas públicas e as declamações privadas (que as diferentes classes realizavam entre si) consistia na dramatização (*actio*) da declamação, em espaço público (a aula magna ou a igreja) e na presença de um auditório.

écloga, uma cena, ou um diálogo, para que depois a melhor de todas seja representada em classe [...] distribuindo os papéis entre os alunos, mas sem qualquer aparato cénico.

[XVI, 19.]

A formação retórica preconizada pela *Ratio* não ignorava, antes tinha perfeita consciência dos laços que unem retórica e teatralidade, orador e ator. Por isso, a *Ratio* determinava ainda que os professores se esforçassem para que os alunos treinassem também «a voz, o gesto e toda a sua actuação com a maior dignidade» (XV, 32)⁶.

De facto, nas grandes representações jesuíticas que encontramos em Portugal, muitos discursos que saem da boca de profetas e de reis podiam ser proferidos do palco ou do púlpito da igreja, porque o teatro, à imitação de Séneca, combinara-se intensamente com a parénesis, o palco transformava-se em púlpito, e o ator em pregador. Encenar um discurso era, portanto, encenar a voz, a atitude de corpo, o gesto e o olhar de uma paixão, tendo em vista os instrumentos patéticos da persuasão. Ora, esse exercício adquiria novas virtualidades se fosse colocado na boca de grandes personagens, como reis, sacerdotes, profetas e santos, e mais ainda se fosse realizado diante de príncipes e cardeais, com grande aparato e riqueza de vestes⁷.

⁶ *Labrandum etiam, ut uocem, gestus et actionem omnem discipuli cum dignitate moderentur.*

⁷ Neste teatro, as peças enchem-se de longos discursos, de uma oratória rica, exuberante e declamatória. A grandiloquência dos atores exprime-se ora em discursos bem estruturados ora em diálogos agónicos cheios de densidade argumentativa. As personagens confrontam-se em acesos debates de ideias, de grande dinâmica dramática. A lentidão dos longos discursos exortativos, de grande elevação moral, alterna com a brevidade (rigor, precisão, concisão, agudezas de sentidos, jogos de palavras) da linguagem dramática agónica, com que se proferem verdadeiras batalhas de ideias e de palavras.

Na realidade, o que encontramos no repertório dramático jesuítico é muito mais do que simples exercícios escolares. Os discursos representados em palco pelos estudantes eram verdadeiras peças de oratória sacra, compostas segundo os modelos pagãos (Cícero, acima de todos): sermões sobre a heresia e a ortodoxia; sobre o arbítrio humano e o poder absoluto de Deus; sobre a liberdade e a graça; sobre a doutrina da justificação; sobre a apologia do arrependimento, das obras de penitência e da conversão interior; sobre o louvor da Eucaristia; sobre a ascese cristã; sobre o domínio das paixões; sobre o elogio da vida simples e dos bens celestes; ou sobre a vida presente e a morte, tema tão caro aos Sermões do Padre António Vieira.

Dramaturgos e pregadores aplicavam à sua produção literária o princípio da articulação clássica das partes do discurso, obtendo verdadeiros modelos de composição e de declamação: *Exordium, propositio, narratio, argumentatio e peroratio* (Miranda 2010).

Se algumas declamações teatrais se distinguem pela torrencialidade e pela exuberância retórica — que o Padre António Vieira vituperava no estilo dos pregadores do seu tempo — nos mais acesos debates, as personagens distinguem-se antes pela concisão da linguagem e brevidade das ideias, pela precisão das metáforas, pela surpresa e variedade das polissemias, representando verdadeiras batalhas de ideias e de palavras.

Para os novos cavaleiros de Cristo, a palavra era «a funda de David» contra Golias, a arma pela qual renunciavam à espada, mas não ao combate.

Consciente de que retórica e teatralidade não se excluíam, a *Ratio Studiorum* sabia que formar o bom orador passava por formar o bom ator. Portanto, a preparação do pregador para o púlpito não se faria apenas na sala de aula mas também em cena, diante dos ouvidos de um auditório, sob os olhares de um público.

4. «SEM A VOZ QUE OS ANIMOU, AINDA RESSUSCITADOS SÃO CADÁVERES»

Ora, a relação entre teatro e retórica faz parte integrante da mais autêntica tradição oratória. É ela que fundamenta

a quarta parte da retórica, a *actio*, ou seja, o ato de proferir o discurso.

Tal como o teatro, também a oratória tem uma dimensão performativa. O discurso ou o sermão é composto, não para ser lido silenciosamente, mas para ser apresentado em público, por uma voz e um rosto. A *actio* constitui portanto a consumação do discurso e é responsável pelo seu maior ou menor efeito, afirmava Cícero no *De Oratore* (III, 213), texto de estudo da classe de *Retórica*. «Sem ela,» continua, «o maior dos oradores nada pode. Com ela, o orador medíocre pode superar os melhores»⁸.

A analogia clássica entre retórica e teatro, entre o ator e o orador, não impedia, porém, Cícero (III, 214), nem Vieira, de reconhecer uma distinção essencial entre a *actio* oratória e a *actio* teatral. De facto, os oradores/pregadores são atores da própria verdade (*ueritatis ipsius actores*), ao passo que os atores são simples imitadores da verdade (*imitatores autem ueritatis*) e ninguém duvida de que a verdade é mais importante do que a sua imitação⁹. A *actio* oratória do pregador (*atuação*) tinha de ser adequada às emoções, porque a natureza atribui a cada emoção um certo olhar, um certo gesto e tom de voz, continua Cícero (III, 216). Sem esta linguagem, o discurso era privado da sua força anímica. E o Padre António Vieira, pregador e ex-professor de Retórica, quando pela primeira vez publicou os seus Sermões não escondia o desconforto de quem sabia que a palavra escrita era coisa morta, pois só o pregador seria capaz de a fazer regressar à vida, no momento em que a proferisse. Por isso escrevia: «começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres.» (Prefácio ao leitor, Vieira, 1993.)

⁸ *Sine hac summus orator esse in numero nullo potest, medicus hac instructus summus saepe sapere.*

⁹ Por isso Cícero elogiara frequentemente a atuação de Róscio, ator célebre pela adequação da sua atuação oratória às emoções, e também não hesita em apreciar o sentido crítico daqueles que nem o próprio Róscio aplaudiam se ele representasse *personatum*, isto é, de máscara.

A convicção de Cícero e de Vieira era a de que o discurso só se consuma quando é proferido a um auditório, transmitindo não apenas os argumentos e raciocínios veiculados pelo verbo mas comunicando aos sentidos toda a carga passional que só a voz e o rosto — os instrumentos mais eficazes da persuasão — podem comunicar.

Se a *actio* era a parte da retórica que permitia desenvolver a linguagem do corpo em função das emoções, e se o seu principal objeto era a expressão dos afetos, se da *actio* dependia a eficácia de um discurso ou de uma pregação sobre um auditório, é porque a *actio* era considerada o principal instrumento de persuasão e, das três finalidades do discurso (*docere, delectare, mouere*) o *mouere* ganhara uma importância suplementar. Era aliás esse o pensamento de Cícero quando afirmara também, no seu diálogo *Brutus* (276), que a terceira finalidade do discurso, a moção dos afetos, era de todas a mais eficaz para a persuasão.

Também neste aspeto o Padre António Vieira se mostra tributário de Cícero, e do principal Manual de Retórica divulgado pela *Ratio* (de Cipriano Soares). Todos têm consciência de que a persuasão resulta não só da compreensão intelectual mas também afetiva. A persuasão não é apenas uma emoção epidérmica, de que não resta senão vaga memória, mas uma compreensão «apaixonada», que reverte em convicção e decisão da vontade.

É esse o pensamento que o Padre António Vieira expõe no sermão da *Sexagésima*, quando discorre sobre como há de ser a voz do pregador (1993: 95-96):

Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente, a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão.

E lembra o exemplo de João Baptista:

Ego vox clamantis in deserto. Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto [...] A definição do

pregador cuidava eu que era voz que arrazoava, e não voz que brada. Pois por que se definiu o Baptista pelo bradar e não pelo arrazoar? não pela razão, senão pelos brados?

Porque há muita gente neste mundo com quem podem mais os brados que a razão, e tais eram aqueles a quem o Baptista pregava [...]

Depois, dá o exemplo de Pilatos e da condenação de Cristo, que foi fruto dos brados e não da razão:

A razão não valeu para livrar [Cristo]. Os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem.

E termina com a metáfora do pregador como nuvem e como trovão.

[A nuvem] com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há-de ser a voz do pregador: — um trovão do céu que assombre e faça tremer o mundo.

O pregador sabia que, para persuadir, não bastava a densidade de argumentos racionais senão algo mais, que movesse não só a razão como os afetos do auditório. Porém, no pensamento do Padre António Vieira sobre a *actio* do pregador não estava apenas a intuição pessoal de um génio mas uma assimilação profunda da doutrina clássica (nomeadamente de Cícero), que a codificação retórica jesuítica viera revalorizar. Tudo o que diz respeito à *actio*, escreveu Cícero, é dotado de uma espécie de força natural. Por isso, é por meio da *actio* que o orador consegue mover até os mais rudes e ignorantes. As palavras do orador só podem agir sobre aqueles que partilham a mesma língua; os seus pensamentos mais agudos escapam muitas vezes ao entendimento daqueles que são

destituídos de agudezas; a *actio*, porém, que exprime as emoções da alma, a todos move, pois todos experimentam as mesmas emoções da alma (*De Orat.*, III, 223).

5. CONCLUSÃO: ARS MOUENDI E A CODIFICAÇÃO RETÓRICA JESUÍTICA

A teorização retórica antiga (da *Retórica* de Aristóteles, aos tratados de Cícero, à obra anónima *ad Herennium*, e à obra de Quintiliano) — que o humanismo jesuítico converteu em retórica cristã — considerava a *actio* uma das partes da retórica. Na classe de retórica, os preceitos sobre a *actio* e a *pronuntiatio* codificavam a oratória jesuítica com tanta propriedade como os preceitos sobre a *inuentio*, a *dispositio* ou a *elocutio*. *Actio* e *pronuntiatio* diziam respeito à atividade da voz e do gesto, destinada à vista e aos ouvidos — os sentidos pelos quais todas as emoções penetram na alma, escreveu Cipriano Soares³².

Da codificação retórica jesuítica fazia parte o jogo cênico-dramático, a teorização sobre as maneiras de dizer um texto — de modo que o orador incarnasse toda a variedade de expressão das paixões, sem gestos supérfluos, interpretando o pensamento e não as palavras.

As *artes uocis et gestus* eram, por sua vez, artes ao serviço do mesmo fim: a *ars mouendi*, que definia a própria *ars eloquentiae*. Por isso, o *sermão* também era *representatio*: de sentimentos de cólera e de piedade, de indignação e de admiração, de afeto e de animosidade, de doçura e de violência. A estes sentimentos correspondiam outros tantos tons e gestos codificados pela retórica de Cícero, Quintiliano e Cipriano Soares, que o pregador não podia

³² (1562: fl. 114): *Cum sit autem [pronuntiatio] in duas diuisa partes, uocem, gestumque, quarum alter uocis, altera aures mouet, per quos duos sensus omnis ad animum penetrat affectus, prius de uoce, deinde de gestu, qui uocis etiam accomodatur, dicendum est.*

ignorar¹¹. Prova-o o programa de estudos de Retórica estabelecido pela *Ratio* para todos os alunos que frequentavam os Colégios da Companhia.

A voz que animou a eloquência do Padre António Vieira tinha uma função patética sujeita aos cânones da *actio*, e pretendia antes de mais fazer unir a vontade à inteligência, «à boa maneira jesuítica da contemplação e da meditação, reunidas na aplicação de sentidos», como escreveu o padre Mário Garcia (2000: 74).

Estes poderão ser alguns aspetos de menor evidência na eloquência de Vieira mas, segundo o autor, revestiam-se da maior importância, pois deles dependia dar vida ao cadáver dos sermões. *Sem a voz que os animou, ainda ressuscitados são cadáveres.*

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, André de, S. J. (1746). *Vida do Apostólico Padre António Vieira da Companhia de Jesus, Chamado por Antanommásia o Grande. Aclamado no Mundo por Príncipe dos Oradores Evangélicos, Pregador Incomparável dos Augustíssimos Reis de Portugal*, Lisboa (exemplar pertencente à Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, CF-D-9-10).
- CASTRO, Aníbal Pinto de (2008). *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Lisboa.
- Código Pedagógico dos Jesuítas, Ratio Studiorum da Companhia de Jesus – Regime Escolar e Curriculum de Estudos*. Edição bilingue, latim-português. Versão portuguesa de Margarida Miranda. «*Ratio Studiorum*, um modelo pedagógico» por José Manuel Martins Lopes, S. J., Lisboa, Esfera do Caos, 2009, p. 290 (=Ratio).
- GARCIA, Mário, S. J. (2000). *O Padre António Vieira e Outros Poetas*, Braga.
- MENDES, Margarida Vieira (1989). *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa.

¹¹ Depois de elaborado este artigo, foi publicado um estudo que analisa a *actio* no tratado *De Eloquentia de Tomé Correia* (Pereira, 2010).

PEREIRA, Belmiro Fernandes (2010). «A *actio* no *De Eloquentia de Tomé Correia* (1591)», in Maria Várzea e Belmiro Fernandes Pereira (eds.), *Retórica e Teatro – A Palavra em Ação*, Porto.

SOARES, Cipriano (1562). *De Arte Rhetorica Libri Tres*, Conimbricæ.

VIEIRA, Padre António (1993). *Sermões*, prefaciados por Gonçalo Alves, Lello & Irmão Editores, Porto, xv vols. (5 t.).

— (1998). *Sermões Italianos*, edição, introdução e notas de Sónia Salomão, Viterbo, Centro Studii António Vieira, Edizioni Sette Città.